

Gustavo de Oliveira Duarte
Doutor em Educação pela UFRGS (2013). Mestre em Educação pela UFSM/RS (2003). Graduado em Educação Física (Licenciatura Plena) pela Universidade Federal de Santa Maria, UFSM/RS (2000). Tem experiência com Dança em Escolas, Grupos e Academias. Coreógrafo. É Professor do Curso de Dança, Licenciatura, da Universidade Federal de Santa Maria/RS (UFSM). Coordenador do PIBID Dança da UFSM. Atua nas áreas do Ensino de Dança, Estágio Curricular Supervisionado, Estudos de Gênero e Sexualidade, Corpo, Cultura e Envelhecimento. Pesquisador da ANDA (Associação Nacional dos Pesquisadores em Dança). Coordenador do GEEDAC (Grupo de Estudos em Educação, Dança e Cultura).

Masculinidades dançantes em Pelotas/RS

Dancing masculinities in Pelotas/RS.

Resumo: Esta pesquisa foi desenvolvida no Curso de Dança da UFPel e investigou as relações entre Dança, Gênero e Sexualidade entre bailarinos de escolas de dança. A metodologia constou de um questionário com questões abertas em três espaços de dança da cidade. Como resultados destacaram-se: o ballet clássico foi a preferência entre os bailarinos, seguido de danças urbanas e danças de salão; a maioria dos bailarinos afirmou ser heterossexual, seguido de um grupo que se identificou como homossexual. A maioria dos bailarinos relatou que sofre, ou sofreu, algum tipo de preconceito e alguns estilos de dança foram associados às questões de classe social e etnia

Palavras-chave: dança; gênero; sexualidade; masculinidades

Abstract: *This research was developed in the Dance Course of the Federal University of Pelotas (UFPel) and investigated the relationships between dance, gender and sexuality among dancers in dance schools. The methodology consisted of a questionnaire with open ended questions in three dance spaces of the city. As a result, the following stands out: classical ballet was the preference among dancers, followed by urban dances and ballroom dancing; most of the dancers claimed to be heterosexual, followed by a group that identified themselves as homosexual. Most dancers reported that they suffer, or suffer from, some kind of bias and some dance styles were associated with issues of social class and ethnicity.*

Keywords: *dance; gender; sexuality; masculinities*

INTRODUÇÃO

O tema acerca das relações entre corpo, gênero e sexualidade começou a me interessar e desafiar desde os tempos do Curso de Mestrado em Educação, na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM/RS), onde pesquisei sobre a Dança no espaço escolar. Ao estudar a temática, principalmente em espaços de educação formal e não formal, percebi que nossas práticas mostram-se generificadas (GOELLNER, 2003), isto é, são mediadas por convenções sociais, construídas, em grande parte, a partir de classificações limitadoras do mundo “masculino” e do “feminino”. Mesmo compreendendo que as pessoas mudam e que em cada tempo-espaço produzem e ressignificam suas “verdades”, no sentido foucaultiano, ainda são muito marcantes os saberes instituídos pela tradição, pelas religiões, pelos interesses midiáticos e, sobretudo, pela própria área da Educação.

Diversos e diferentes conceitos e (pré)conceitos circulam no mundo da dança. Cada gênero de dança (técnica, estilo) acaba por denotar um modo, um padrão de movimento, de gesto e de atitudes diferenciadas. Esta comunicação corporal e, às vezes, “artística” pode reforçar ou contribuir para a manutenção ou para a desconstrução das representações de gênero e de sexualidade. O objetivo principal deste trabalho é apresentar alguns resultados e reflexões de uma pesquisa, realizada na cidade de Pelotas/RS, intitulada “Homens em Cena: a expressão dos homens que dançam em Pelotas/RS”. Historicamente percebemos que as fronteiras dos comportamentos masculinos e femininos vêm se transformando de modo a apresentar contornos não tão rígidos, onde cada vez mais a participação masculina torna-se mais expressiva e atuante, em diferentes contextos sociais. Ao mesmo tempo, contemporaneamente, os debates entre as relações de gênero e sexualidade têm avançado na busca de garantir maior liberdade de expressão e autonomia, possível, à concretização

dos desejos, sobretudo das masculinidades (KIMMEL, 1998). A pesquisa buscou investigar a expressão dos bailarinos das escolas de dança da cidade e suas relações com as técnicas de dança e com as questões de gênero e sexualidade (LOURO, 1995;1997).

CORPO, GÊNERO E SEXUALIDADE(S)

A História da Ciência e, conseqüentemente, a História do Corpo, de certa forma, mostrou-se articulada intimamente com a própria História da Educação. Interesse na educação dos corpos, na disciplina, em hierarquias e classificações, ou seja, as relações entre poderes e saberes foram produtoras de representações inventadas e nomeadas como masculinas e femininas (FOUCAULT, 1984:1988). O corpo, neste sentido, é compreendido como um construto sociocultural e linguístico, produto e efeito de relações de poder (MEYER, 2003), ou seja, o corpo também é construído pela linguagem. Nesta perspectiva a cultura é caracterizada com um campo de luta e de contestação na qual são produzidos múltiplos sentidos de masculinidade e feminilidade a partir de suas “marcas” sociais tais como classe, etnia, geração, religião, nacionalidade, entre outras. A categoria de gênero, a partir de uma visão construcionista do social, configura-se como uma ferramenta analítica e, ao mesmo tempo, política, uma vez que articulada à(s) sexualidade(s) e a outros marcadores culturais acaba funcionando como um organizador cultural e destacando o caráter relacional das práticas sociais. Gênero, portanto, é um conceito relacional, organizador do social e um elemento constitutivo das relações sociais baseada nas diferenças percebidas entre os sexos; é uma forma primária de dar significado às relações de poder (SCOTT, 1995). Desse modo, a sexualidade não se constitui apenas como uma questão pessoal, mas configura-se como social e política na medida em que ela é aprendida, é construída ao longo da vida, de muitos modos e por diferentes

atravessamentos. Ao relacionarmos as compreensões de corpo e de sexualidade faz-se necessário articular os conceitos de identidades, práticas sexuais e de gênero. As diferentes formas de viver prazeres e desejos contribuíram para os chamados processos de afirmação e diferenciação, conforme Stuart Hall (1997) denominado de políticas de identidade.

De acordo com Guacira Louro (1999) a compreensão da sexualidade envolve rituais, linguagens, fantasias, representações, símbolos, convenções, ou seja, está envolvida em processos culturais e plurais. No texto O Corpo e a Sexualidade da obra O Corpo Educado – Pedagogias da Sexualidade, de Jeffrey Weeks (1999), este propõe explorar as significações de corpo e da sexualidade a partir de suas marcas, seus atravessamentos de gênero, classe e raça/etnia. O autor destaca que a sexualidade configura-se como um fenômeno social e histórico que ultrapassa a dimensão biológica, envolvendo um conjunto de crenças, ideologias e imaginações e, em relação ao processo de regulação social dos corpos, tanto nos ambientes públicos quanto nos privados. Ao admitir que a sexualidade tem uma história e que foi/é construída pela linguagem por meio de significados e sentidos atribuídos ao termo sexo, Jeffrey Weeks demarca sua posição contrária à ideia de uma evolução das práticas sexuais. As construções acerca da sexualidade, neste sentido, são moldadas no interior de redes - relações de poder. Assim, as identidades de gênero e sexuais são construídas e definidas por relações sociais, são moldadas, portanto, pelas redes de poder de uma sociedade (LOURO, 1999).

CAMINHO METODOLÓGICO

A Ao buscar investigar o perfil dos bailarinos da cidade de Pelotas, ou seja, suas diferentes expressões artísticas e suas relações com as questões de gênero e de sexualidade, a intenção primeira foi tentar

mapear todas as escolas de dança da cidade, sobretudo da zona urbana. Este foi um dos critérios de seleção dos participantes – frequentadores de academias e/ou escolas de dança. É importante destacar que algumas academias e seus respectivos bailarinos se negaram a participar da pesquisa e a responder o questionário. De acordo com Michel Foucault, a própria negação ou a (in)visibilidade de algum tema ou assunto em espacial, pode apontar para as relações de poder e resistência imbricados às questões relacionadas ao corpo, ao gênero e, sobretudo, à sexualidade. Neste sentido, este trabalho apresenta os resultados dos bailarinos que dançam em três escolas de dança, tradicionais, da cidade, que concordaram em participar da pesquisa. As questões abertas do questionário abordaram os seguintes aspectos: - escolha da técnica de dança; - dança e homofobia; - tempo de experiência em dança e a percepção subjetiva na atuação em dança, suas possibilidades de futuro, de mercado de trabalho, de profissão.

Os questionários foram entregues às academias parceiras e recolhidos posteriormente, diretamente com os bailarinos, pelo pesquisador, que algumas vezes explicou com maiores detalhes e esclareceu algumas dúvidas sobre o tema da pesquisa e as questões éticas da mesma. Foram investigados dezoito bailarinos em três escolas de dança da cidade de Pelotas/RS.

OS HOMENS QUE DANÇAM...

A partir dos dados e informações coletados pela pesquisa, percebemos que a maioria dos bailarinos investigados situa-se na faixa dos dez aos trinta anos de idade e apresenta-se como heterossexual. Para Anthony Giddens (1993), em relação à transformação da intimidade, da sexualidade e do erotismo nas sociedades modernas, tanto a hetero como a homossexualidade mudaram. A sexualidade é compreendida como uma qualidade ou propriedade do eu. O autor

destaca que a sexualidade

algo que cada um de nós 'têm', ou cultiva, não mais uma condição natural que um indivíduo aceita como um estado de coisas preestabelecido. De algum modo, que pode ser investigada, a sexualidade funciona como um aspecto maleável do eu, um ponto de conexão primário entre o corpo, a auto-identidade e as normas sociais (GIDDENS, 1993, p.25).

Três bailarinos se identificaram como homossexuais. Segundo Richard Parker (1988), inúmeras pesquisas acadêmicas a partir dos anos 70 e 80 auxiliaram a.

(...) ampliar a visão da homossexualidade para além de uma experiência sexual ou um distúrbio psíquico ou genético como afirmavam os saberes clínico-médicos (...) e sim, revelar toda uma geografia e uma história das relações homossexuais e de expressões culturais relacionadas ao homoerotismo disseminadas pelo mundo (PARKER, 1988, p.5).

Tais influências internacionais repercutiram positivamente no Brasil, principalmente com resultados de pesquisas na área das Ciências Sociais ao buscar uma abertura política durante o período da ditadura militar. Os dados de uma pesquisa realizada no Rio de Janeiro, em 1990, apontaram uma complexa relação existente entre identidade sexual e comportamento sexual. Ou seja, estas seriam conceitos e práticas distintas, diferenciadas, porém imbricadas. Entre os próprios homossexuais não há um consenso de significado identitário, pelo menos no que diz respeito ao uso da linguagem, uma vez que esta constrói o social e, muitas vezes, no “mundo gay” acaba por instaurar subculturas distintas, como, por exemplo, os “ursos”, as “barbies”, “as passivas”, entre outros. O termo bissexual foi associado a um comportamento homossexual e não a uma identidade fixa, exclusivamente gay neste caso. Neste sentido, podemos pensar que a própria “confissão” de se declarar hetero ou homossexual pode se

tornar um tanto relativa, onde tal verbalização pode funcionar como uma estratégia de “sobrevivência” (no sentido de ficar no “armário”) ou sair dele (coming out), como uma estratégia ou posição política (SEDGWICK, 2007).

O aumento da visibilidade tanto social quanto política do Movimento Gay ou das homossexualidades brasileiras, veio a fortalecer a formação da cena gay nas grandes cidades brasileiras “refletindo a crescente importância do mercado e difusão das imagens, estilos corporais, hábitos e atitudes associadas às variadas expressões das homossexualidades” (SIMÕES e FACCINI, 2009, p.18).

A maioria dos bailarinos investigados atua no ballet clássico, nas danças urbanas e nas danças de salão. Estes dados confirmam, de certa forma, a marcante tradição da dança clássica na cidade de Pelotas e na região Sul do Estado. Quanto ao tempo de atuação em dança, dos dezoito bailarinos investigados, cinco deles começaram a dançar há mais de dez anos, e quatro deles, iniciaram a estudar dança recentemente, há apenas um ano. A maioria deles afirmou que começou a dançar por influência e/ou convite de algum amigo e por admiração/identificação com a técnica de dança escolhida, somente um deles escolheu a dança relacionando-a com um caminho profissional, como artista, para viver da Arte. Dez dos dezoito bailarinos afirmaram que já sofreram algum tipo de discriminação pelo fato de dançar, seja de amigos ou da própria família.

Neste caso, o preconceito contra homens que dançam começa dentro da própria casa, como um desafio a ser vencido. A discriminação se concentrou no sentido de que “dança não é coisa de homem” e de que poderiam “virar gay”; na associação das danças urbanas com classes sociais mais baixas, populares, e no fato de que o samba de gafieira, de salão, especificamente, e o samba de carnaval, de rua, se restringem, ou ficam “melhor”, mais apropriados para homens “ne-

gros”. É preciso considerar que as concepções da homossexualidade(s) só foram construídas e circulam seus jogos de poder-saber de acordo e a partir da própria concepção da heterossexualidade vigente, de acordo com os diferentes momentos e interesses históricos e políticos.

Todos os bailarinos afirmaram que pretendem continuar dançando, por um longo e prazeroso tempo. A ideia de liberdade e/ou de felicidade foram os principais motivos relatados pelos bailarinos na atuação em dança, seguidos pela sensação de “desligar-se do mundo” e da percepção de sentir-se “completo”, ou seja, a maioria dos informantes relatou que o “sentir” na dança, é original, único e, justamente isso, os fascina e os mantém dançando, felizes.

Neste sentido, compreende-se que o desafio contemporâneo não se trata de compreender que “apenas” as posições de gênero e sexuais se multiplicaram em inúmeras siglas e que então é quase impossível lidarmos com esquemas binários, como também admitir que o espaço, o lugar social que alguns sujeitos vivem é exatamente a fronteira (LOURO, 2001). O desafio Queer é caracterizado por uma perspectiva de oposição e contestação à heteronormatividade compulsória das sociedades. Nesta perspectiva, compreendemos os sujeitos a partir de identidades múltiplas, plurais, não fixas e, portanto, que podem se transformar e até mesmo mostrarem-se contraditórias (LOURO, 1999). Dado o exposto, concluímos que este é um estudo pontual, contingencial, a partir da abordagem dos Estudos Culturais e de acordo com as problematizações de Michel Foucault, onde é interessante pesquisar e buscar compreender os jogos de verdade e as relações entre poderes e saberes de contextos específicos, ao invés de generalizar e quantificar comportamentos a grandes grupos de sujeitos. A temática da(s) Masculinidade(s) ainda é um campo recente e que requer aprofundamentos dentro dos Estudos de Gênero e Sexuali-

dade, bem como do cenário da dança na própria cidade de Pelotas, na região Sul e no Brasil como um todo, a fim de qualificar o debate acadêmico sobre a área de Arte e suas complexas relações com as diversidades da sociedade brasileira.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense, 1986.

_____. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988.

_____. **História da sexualidade II: o uso dos prazeres**. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1984.

_____. **História da sexualidade III: o cuidado de si**. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1985.

GOELLNER, Silvana V. **A produção cultural do corpo**. In: LOURO, Guacira L.; NECKEL, Jane F.; GOELLNER, Silvana V. (Orgs.). *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. Petrópolis/RJ: Vozes, 2003.

KIMMEL, Michael S. A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. **Horizontes antropológicos**, Porto Alegre, Ano 4, n. 9, 1998.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1997.

_____. Gênero, História e Educação: construção e desconstrução. In.: **Revista Educação & Realidade**. UFRGS, v. 20, n. 2, Porto Alegre/RS, 1995.

_____. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade** (org). Tradução: Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

_____. Teoria queer: uma política pós-identitária para a educação. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 9, n. 2, 2001.

_____. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. 5ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

_____. Corpo, Escola e Identidade. In. **Revista Educação & Realidade**, v. 25, n. 2 UFRGS/POA/RS, 2000.

MARQUES, Isabel A.; BRAZIL, Fábio. **Arte em questões**. 1ª reimpressão. São Paulo: Digitexto, 2012.

MARQUES, Isabel A. **Linguagem da dança: Arte e Ensino**. 1ª Edição. São Paulo: Digitexto, 2010.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. A Epistemologia do Armário. **Cadernos Pagu** (28), 2007, Campinas: SP, 19-54.

SIMÕES, Julio A. & FACHINNI, Regina. **Do movimento homossexual ao LGBT**. São Paulo: Editora Fund. Perseu Abramo, 2009.